



---

# LITERATURA, PÃO E POESIA

---

➤ **SÉRGIO VAZ** ➤

APRESENTAÇÃO — HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

POSFÁCIO — ELIANE BRUM

São Paulo, 2020

**global**  
editora

# Sumário

Caminhos de um poeta cidadão — <i>Heloisa Buarque de Hollanda</i> .....	11
Novos dias.....	15
Felicidade .....	17
A fina flor da malandragem.....	19
Vale quanto sonha.....	21
Os brutos também amam .....	23
Pode crer, amizade! .....	29
Guerreiros da chuva .....	33
Literatura das ruas .....	37
É proibido chorar.....	39
A poesia dos deuses inferiores.....	43
Literatura, pão e poesia .....	49
O Machado, o talarico e a racha .....	51
Manifesto da antropofagia periférica.....	53
Sugestões poéticas para o acordo ortográfico e outros acordos.....	55

O riso do palhaço sem alegria .....	61
O inferno somos nós.....	65
Brasil, o filme .....	69
Sombras miúdas .....	73
Atestado de antecedência .....	77
Como nasce um taboanense .....	79
Taboão dos Palmares .....	83
Taboão, suor e lágrimas.....	85
Amor de mãe .....	87
Mil graus na terra da garoa.....	89
Gol contra .....	95
Gol de letra .....	99
Lágrimas de crocodilo e outros bichos.....	101
Antônio, o padraço dos pobres .....	103
O pai da noiva.....	105
É agora ou nunca (“it’s now or never”).....	109
Amanhã talvez .....	113
Deusas do cotidiano .....	121
Maria Mineira .....	123
Ao mestre, a eternidade.....	125
O grande <i>Minicine Tupy</i> .....	127
O pequeno príncipe .....	129
Fábrica de asas .....	131
Escola é da hora.....	135
Escritores da liberdade .....	137
Diproma de poeta .....	141
Sonho de giz .....	143
<i>Caminho suave</i> .....	147
Unidos da Pedra do Reino.....	151
Sobre Kichutes e chuteiras.....	153
Dia de Finados.....	155
Renas de Troia .....	159

Folha da amargura.....	163
Contos celulares nº 1 — Amigo é para essas coisas.....	165
Contos celulares nº 2 — Rélou my friend.....	167
Contos celulares nº 3 — Quem é? .....	173
Oficina de poesia.....	177
Os dias que não doem.....	179
Quem lê enxerga melhor.....	183
Caminhos poéticos da periferia .....	189
Corsário das ruas .....	193
Amigos dão sorte.....	197
Posfácio — <i>Eliane Brum</i> .....	205

# Caminhos de um poeta cidadão

O título deste livro diz, literalmente, a que veio. *Literatura, pão e poesia*. Se ao título juntarmos o autor, o sentido maior do livro se abre diante de nós. O autor é Sérgio Vaz, o escritor cidadão, o poeta ativista.

Para quem trabalha com tendências ou fica de olho nos novos horizontes da literatura, não há como não se dar conta da chegada da literatura marginal ou periférica que veio com força e garra na virada do milênio.

E, nesse contexto, Sérgio Vaz se destaca. Idealizador da Cooperifa, Cooperativa Cultural da Periferia, Sérgio, na realidade, cria uma metodologia própria de estímulo à leitura que rapidamente mostra seus resultados. No bar do Zé do Batidão, às quartas-feiras, uma multidão se reúne em torno da poesia e do mais legítimo e sedutor exercício da palavra.

O poeta vira-lata, como se autodenomina Sérgio Vaz, percebeu com maestria o poder político da aquisição e instrumentalização segura da palavra e torna essa descoberta um ativismo de inclusão social diário e obstinado.

*Literatura, pão e poesia* fala disso e do entorno desse ativismo. São crônicas, às vezes em namoro com a poesia, às vezes claramente descritivas, quase contos, às vezes um espaço de opinião e indagação.

Mas, no seu conjunto, diria que este é um livro de crônicas. Quando se fala em crônica, pensa-se no relato de situações cotidianas ou lembranças que emergem da memória num determinado momento e se transformam em literatura. É o caso de sua crônica

“Os brutos também amam” sobre seu primeiro amor, ou aquelas que desenham os perfis da fina flor da malandragem, do professor Said ou do seu Zagatti, e sua paixão indomável pelo cinema.

Se eu fosse procurar ancorar essa visão da crônica nos textos aqui reunidos, diria que o imaginário do autor é cercado de livros, palavras e poesia por todos os lados. E, o que é importante sublinhar, esse universo é geograficamente delimitado política e afetivamente: estamos na periferia da zona sul de São Paulo. É disso que falam suas crônicas. De poesia e de um território bastante específico.

*Literatura, pão e poesia* começa como começam os saraus da Cooperifa: com uma forte interpelação. Somos chamados, logo no primeiro texto, intitulado “Novos dias”, a não abrir mão do sonho nem da poesia mas de “punhos cerrados que a luta não para”. Quase um manual de conduta. Esse é o lema que rege o livro (e o belo trabalho da Cooperifa). Mais do que sua identidade ou CPF, você vale quanto sonha e o que faz desse sonho.

No texto “Literatura das ruas”, Sérgio Vaz nos oferece uma das muitas definições do alcance e da natureza da nova literatura da periferia. E o faz numa sucessão de citações e simulações de autores e romances clássicos, o que reforça a presença da grande literatura nos “quilombos modernos” da literatura da ruas. Esse recurso vai voltar em vários textos do livro, modulado em diferentes diapações. Como se houvesse, no imaginário do autor, uma imensa biblioteca aderida em seu próprio corpo, acessível a qualquer momento e desejo. Um dos textos mais interessantes nesse caminho é a crônica “A poesia dos deuses inferiores”, toda construída por nomes de livros ou autores — dessa vez, não os canônicos, mas aqueles da literatura marginal. No final, o autor nos brinda com “Dados bibliográficos” onde organiza os títulos e os autores mencionados. Aqui temos uma dupla variável. Num primeiro olhar, temos a impressão de que esses “deuses inferiores” precisam de registro e visibilidade. Num segundo, chama nossa

atenção o teor da nota de pé de página, detalhando que, entre os citados, “ninguém morreu, ninguém matou, por isso não vale como estatísticas para a Segurança Pública”. O sonho traduzido na efervescência de uma nova literatura e a luta contra a lógica estatística vigente para moradores das comunidades da periferia, apoiada apenas em dados criminais.

Daí também vem a força irônica presente no conto que dá nome a este volume:

A periferia nunca esteve tão violenta: pelas manhãs, é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar.

É ainda tomando como referência a poesia que Sérgio Vaz escreve seu já antológico “Manifesto da antropofagia periférica”, escrito por ocasião da Semana de Arte Moderna da Periferia, uma releitura periférica e antenada do Manifesto de Oswald de Andrade. Sugiro com ênfase um estudo comparativo dos dois manifestos e instintos antropofágicos ali registrados. O pesquisador, além de encontrar muito assunto para se debruçar, vai se deliciar espelhando e especulando sobre esses dois momentos sintomáticos do século XX e do século XXI, respectivamente.

Além da palavra e da poesia, como afirmei anteriormente, essas crônicas falam decisivamente de um território. Um território chamado M’Boi Mirim, Piraporinha, Chácara Santana, Campo Limpo, entre tantos bairros da periferia paulistana, moradia e compromisso maior do poeta. É lá que ele espalha uma poesia viral, capaz de um empoderamento visível através da palavra e que permite transformar vidas, disseminar sonhos e politizar desejos de um futuro melhor.

O território vai surgir de forma mais clara como personagem na crônica “Como nasce um taboanense”, crônica e quase conto,

um dos textos mais belos deste livro. Uma chegada, na realidade um batismo, feita de encontro, afeto e solidariedade que geram, de uma só feita, identidade e pertencimento. A partir daí são várias crônicas seguidas, como “Taboão dos Palmares”, “Taboão, suor e lágrimas”, “Amor de mãe” e outras nas quais a presença do local é tão forte que dele nasce uma fala, uma presença real do lugar que se transforma em protagonista quando menos se espera. Essa pegada literária do lugar-personagem é uma inovação interessante. Não é mais objeto dos devaneios românticos sobre a paisagem, não é mais fator determinista das ações como no Naturalismo, não é mais índice nacional como no Modernismo, nem cenário hiper-real do Pós-Modernismo. É um local eloquente, um fator literário e textual forte tão importante quanto seus habitantes. É onde surgem crônicas sobre a força da mulher, sobre os caminhos poéticos da educação, firmemente fincados no território e nele germinando um futuro diferente. Não é à toa que, na sequência, temos a crônica “Mil graus na terra da garoa”, onde o poeta abre sua lente para toda a cidade de São Paulo e discute um ponto crucial das políticas culturais, sociais e urbanísticas contemporâneas: a relação entre centro e periferia e, nesse quadro, a interpelação da “literatura do morro arranhando os céus da cidade”.

Enfim, lendo *Literatura, pão e poesia*, e sintonizando com o autor, que declara ler “livros como quem foge das galés”, descorrimos a visão da literatura como carta de alforria, disseminada na periferia de São Paulo e em outras quebradas por esse corsário das ruas, o poeta Sérgio Vaz.

*Heloisa Buarque de Hollanda\**

---

\* Professora titular de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, é autora e organizadora de livros como *26 poetas hoje* (Labor, 1976), *Esses poetas* (Aeroplano, 1998) e *Melhores poemas Armando Freitas Filho* (Global, 2010).